

# 4

Capítulo



# 4

## Capítulo

### 4.1 Lazer

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 1980. p.19).

Para Gutierrez (2000, p.39 apud ALMEIDA, 2004, p. 16), o lazer inclui a expectativa futura de se atingir algum nível de prazer, independente do fato da expectativa vir a ter sucesso ou não, o prazer é definido enquanto “elemento essencialmente humano, característico da formação da personalidade e que pode ser percebido em qualquer meio social organizado, desde uma perspectiva histórica.”.

O lazer também é entendido como um tipo de atividade que se insere no tempo livre, colocando o indivíduo como transformador da sua realidade, este, enquanto sujeito social, pode dotar de sentido a atividade de lazer e aproximá-la da busca da excitação ou do prazer. O prazer definido enquanto a busca de um descontrole medido ou ainda um descontrole controlado (DUNNING, 1992 apud ALMEIDA, 2004, p.16).

Dumazedier (1980), aponta quatro características básicas que compõem o lazer, mostrando sua oposição ao pragmatismo e o seu caráter subjetivo:

- Caráter Liberatório: o lazer resulta de uma livre escolha = liberação de obrigações;
- Caráter Desinteressado: inexistência de finalidade, exercício de atividades sem uma finalidade social ou material, desvinculada de um interesse lucrativo e utilitário;
- Caráter Hedonístico: estado de satisfação, estado de prazer;
- Caráter Pessoal: ritmo natural, vem sempre ao encontro do indivíduo, das suas vontades, necessidades de satisfação e liberdade.

De forma geral, podemos entender que o lazer atua como um elemento capaz de configurar um espaço de transformação social e de colaboração para a construção de novas normas de convivência e



# 4

## Capítulo

estabelecimento de novas relações entre as pessoas, podendo também ser entendido como lugar de execução da cidadania e da liberdade, de forma a contribuir para a formação do ser humano.

### 4.2 Espaços livres públicos de lazer

Os espaços construídos são os espaços edificados com funções residenciais, comerciais, serviços públicos entre outros. Já os espaços livres ou espaços não construídos são as praças, canteiros ou jardins urbanos, parques, quintais entre outros. Os espaços de integração urbana são as áreas de canteiros ou jardins remanescentes do traçado do sistema viário, os canteiros centrais das avenidas, jardins junto a alças de acesso a pontes e viadutos, rotatórias, taludes e encostas ajardinadas (MACEDO E ROBBA, 2002).

Áreas livres públicas de lazer podem carregar valores atribuídos a sua utilização na preservação do ecossistema, bem como ao seu valor estético cultural e ao seu potencial de recreação (lazer ativo ou passivo). Também é denominada “área de lazer” o espaço livre de edificação destinado ao lazer contemplativo (ANDRADE, 2004, p.27 apud FERREIRA).

Segundo Bartalini (1986 apud DORNELES, 2006), os espaços públicos precisam assumir três valores principais frente a seus cidadãos:

- Valor visual ou paisagístico: representam referenciais na cidade, contribuindo com a identidade dos locais;
- Valor recreativo: levam em consideração as peculiaridades sociais e econômicas, permitindo uma melhor apropriação;
- Valor ambiental: contribuem com a qualidade ambiental urbana, como o exemplo pela presença de arborização que atenua os efeitos das “ilhas de calor”, colabora na proteção de solo contra a erosão e protege os cursos d'água.



# 4

## Capítulo

### 4.2.1 Índices ideais de áreas verdes

O índice de áreas verdes é aquele que expressa a quantidade de espaços livres de uso público, em Km<sup>2</sup> ou m<sup>2</sup>, pela quantidade de habitantes que vive em uma determinada cidade. Então, neste cômputo, entram as praças, os parques e os cemitérios, ou seja, aqueles espaços cujo acesso da população é livre (GUZZO, 1991 apud RODRIGUES; PASQUALETTO, p.8).

Cavalheiro & Del Picchia (1992 apud SANTOS; TOLEDO, 2008, p.12) cita que o índice mais difundido no Brasil, o qual teria sido desenvolvido pela OMS, pela ONU e pela FAO, que considerariam como ideal que cada cidade dispusesse de 12m<sup>2</sup> de área verde/habitante. Porém, os autores mencionados e a ONU não o admitem. A Sociedade Brasileira de Arborização Urbana (SBAU) propôs como índice mínimo para áreas verdes públicas destinadas à recreação o valor de 15m<sup>2</sup>/habitante (SBAU, 1996).

Para calcular o índice de área verde, devem ser consideradas somente as áreas verdes públicas localizadas na zona urbana e ligadas ao uso direto da população residente nessa área (NUCCI, 2001 apud SANTOS; TOLEDO, 2008, p.12).

### 4.2.2 O conceito de Infraestrutura Verde

No Planejamento e Desenho Ambiental, a Infraestrutura Verde pode ser entendida como uma rede interconectada de áreas verdes naturais e outros espaços abertos que conservam valores e funções ecológicas, sustentam ar e água limpos e ampla variedade de benefícios para as pessoas e a vida selvagem, devendo nortear as ações de planejamento e desenvolvimento territoriais, garantindo a existência dos processos vivos no presente e no futuro.

As origens do planejamento da infraestrutura verde estão relacionadas, portanto, a idéias e ações de conservação da natureza através dos parques nacionais estaduais e municipais; refúgios de vida selvagem; florestas; rios áreas úmidas; proteção da vida selvagem; planos de desenvolvimento em





# 4

## Capítulo

relação à natureza em disciplinas de planejamento urbano, planejamento da paisagem e desenvolvimento ambientalmente sensível. Com um bom sistema de infraestrutura verde, as pessoas terão o acesso a trabalho e serviços através de caminhadas estimuladas.

A Infraestrutura verde enfatiza a importância dos espaços abertos verdes como parte de sistemas interconectados que são protegidos e mantidos pelos benefícios ecológicos que eles proporcionam.

Benedict (apud FRANCO), cita que os princípios definidores da infraestrutura são:

**Conectividade** – a infraestrutura verde delineia a força do seu foco em conectividade, entre espaços naturais e os parques e outros espaços abertos, entre as pessoas e os programas, para que eles juntos possam manter valores e serviços dos sistemas naturais, tais como carregar e filtrar água da chuva.

**Contexto** - O entendimento dos ecossistemas e da paisagem requer uma análise do contexto onde esses ecossistemas existem, isto é, a compreensão dos fatores físicos e biológicos das áreas de entorno.

**Estrutura** - A Infraestrutura verde pode funcionar com estrutura para a conservação e o desenvolvimento.

**Comprometimento** – A infraestrutura verde requer comprometimento de longo prazo por parte do governo e dos agentes sociais.

Benefícios da Infraestrutura Verde:



Figura 101 – Ecoponte em Veluwe, países baixos.  
Disponível em:  
[http://ec.europa.eu/environment/pubs/pdf/factsheets/green\\_infra/pt.pdf](http://ec.europa.eu/environment/pubs/pdf/factsheets/green_infra/pt.pdf)



Figura 102 – Cortina verde.  
Disponível em:  
<http://inverde.wordpress.com/infraestrutura-verde/>



Figura 103 – Roppongi Hills, Tokyo, utilizando medidas da infraestrutura verde.  
Disponível em:  
<http://inverde.wordpress.com/infraestrutura-verde/>



# 4

## Capítulo

- 1- Melhora da qualidade do ar promovendo a saúde humana;
- 2- Seqüestro de carbono da atmosfera;
- 3- Amortização do balanço climático entre temperaturas baixas e altas no microclima urbano entre dia-noite e as estações do ano;
- 4- Proteção, conservação e recuperação da biodiversidade da flora e fauna na área urbana;
- 5- Contenção da erosão;
- 6- Promoção de atividades contemplativas, esportivas e de lazer;
- 7- Promoção da importância da paisagem como fator determinante da estética urbana;
- 8- Incremento do fator permeabilidade do solo urbano permitindo a percolação da água e portanto a redução de enchentes;
- 9- Articulação e conectividade entre espaços verdes;
- 10- Promoção da seguridade urbana;
- 11- Proteção de áreas de fragilidade ecológica;
- 12- Promoção de áreas de alto valor imagético, icônico e de identidade de lugares e sítios urbanos.

### 4.3. O Parque

#### 4.3.1 Conceito de Parque

Consideramos como parque todo espaço de uso público destinado à recreação de massa, qualquer que seja o seu tipo, capaz de incorporar intenções de conservação e cuja estrutura morfológica é auto-suficiente, isto é, não é diretamente influenciada em sua configuração por nenhuma estrutura construída em seu entorno. ( KLIASS, 1993).

Os espaços livres desempenham papel ecológico, de integrador de espaços diferentes, baseando-se, tanto em enfoque estético, como ecológico e de oferta de áreas para o desempenho de lazer ao ar livre (CAVALHEIRO; DEL PICCHIA apud SANTOS; TOLEDO, 2008, p.05).

Segundo Bartalini (apud SCALISE, 2002), o tipo de espaço livre é definido como:



# 4

## Capítulo



"Um grande espaço aberto público, que ocupa uma área de pelo menos um quarteirão urbano, normalmente vários, localizado em torno de acidentes naturais, por exemplo ravinas córregos, etc., fazendo divisa com diversos bairros"; os limites principais de um parque urbano são ruas, sua organização espacial (paisagem) apresenta um "equilíbrio entre áreas pavimentadas e ambiências naturais". O parque urbano pode abrigar "o uso informal, de passagem, caminhos secundários de pedestres, esportes recreativos, centros comunitários, festivais, playgrounds, piscinas, etc.".

Oliveira (2010), considera que é preciso haver uma forte conexão entre vias arborizadas, praças arborizadas e parques, como solução mais adequada para dotar as cidades de áreas verdes que se conformem como um sistema e estejam vinculadas tanto às antigas áreas existentes, como às novas áreas projetadas.

Segundo Jacobs (2001, apud SABOYA, 2007), para que o parque garanta vitalidade para si mesmo e para o entorno, é preciso a utilização de 4 elementos:



Figura 104- Esquema dos 4 elementos que geram vitalidade aos parques.  
Disponível em: <http://urbanidades.arq.br/2007/09/jane-jacobs-parques-de-bairro/>

# 4

## Capítulo

1. Complexidade: refere-se à diversidade de usos e de pessoas no entorno do parque, que conferem diversidade de horários e de propósitos para sua utilização. Envolve também riqueza espacial, criada por elementos tais como diferenças de nível, visuais interessantes, perceptivas variadas, agrupamentos de árvores, etc.

2. Centralidade: refere-se a um elemento espacial central ou, mais precisamente, com hierarquia superior aos demais, para atuar como referência no espaço da praça. Ele atua como polarizador dos usos e da legibilidade do espaço, sendo reconhecido por todos como o centro da praça.

3. Insolação: provavelmente é mais importante para os países mais frios, apesar de que mesmo no Brasil não é interessante que os parques sejam sombreados pelos edifícios vizinhos. Ao contrário, é desejado que os parques propiciem tanto boas áreas de sombra para o verão como áreas ensolaradas para os dias de inverno.

4. Delimitação espacial: segue a linha do que Camillo Sitte defendia no final do século XIX, ou seja, a noção de que os espaços abertos devem ser conformados pelos edifícios, e não serem simplesmente formados a partir dos resíduos deixados pelas configurações dos espaços fechados. Não devem, tampouco, formar imensas áreas vazias sobre as quais os edifícios se assentam, como defendia o Modernismo.

### 4.3.2 Classificação dos parques

Sobre os espaços livres, Cavalheiro & Del Picchia (apud SANTOS; GOMES, 2008, p.06) propõe sejam classificados segundo sua tipologia:

Eles podem ser:

- Particulares
- Potencialmente coletivos (se seu acesso é permitido a uma comunidade restrita, como em clubes, pátios de escola e indústria, etc.)
- Públicos





# 4

## Capítulo



Para Wright *et al.* citados por Escada (1992 apud SANTOS; GOMES, 2008, p.09 ) as funções dos espaços livres, mencionados aqui devido às relações com a vegetação, são agrupadas em três conjuntos distintos:

1. Espaços livres para recreação, que devem proporcionar recreação física e psicológica e oferecer um local onde o ser humano possa ter um ambiente adequado ao lazer. Esses espaços são sub-divididos em:

1.1. Parque de vizinhança que são áreas com função recreacional que podem abrigar alguns tipos de equipamentos ligados à recreação. São espaços livres pequenos inseridos no projeto de loteamento ocupando um ou mais lotes, devem conter vegetação, ambientes de jogos, bancos para descanso, etc. Para atender convenientemente a população devem estar entre 100 e 1000m de distância das residências ou do trabalho.

1.2. Parque de bairro, de maiores dimensões, além de terem funções recreacionais mais ativas, apresentam funções paisagísticas ou bioclimáticas, não são entendidos, ao contrário dos primeiros espaços, como extensão das residências.

1.3. Parque distrital, de grandes dimensões, são áreas de bosques que contam elementos naturais, de grande beleza, que devem ser conservados na condição original.

2. Espaços livres para a conservação de recursos biofísicos, são espaços que têm o objetivo de satisfazer às necessidades da sociedade em longo prazo. São espaços pouco ou não alterados destinados à proteção da água de abastecimento, preservação de enchentes pela absorção da água de declive acentuado, proteção de áreas de valor paisagístico, arqueológico ou biológico.

3. Espaços livres para o desenvolvimento da forma urbana, são os espaços que têm o objetivo de modelar o padrão do desenvolvimento urbano dando uma idéia de identificação e territorialidade, a título apenas de exemplo, pois não será discutido neste trabalho.

# 4

## Capítulo

### 4.3.3 Funções do Parque Urbano

#### 4.3.3.1 O parque urbano como instrumento de socialização

Um dos grandes papéis do parque urbano é a socialização da vida cotidiana. Nele as pessoas podem caminhar, se encontrar, se conhecer e se relacionar. É um espaço de descanso que compensaria as horas de excessivo trabalho por horas de ócio, e é nessa perspectiva que os parques poderiam também otimizar o trabalho semanal (SILVA, 2003, p.63).

Granz (1982 apud SILVA, 2003, p.63) coloca a importância dos parques para a saúde pública e mental, com a busca de um bem-estar psicológico da população, por meio da musicalidade e da organização visual da paisagem. O espaço do parque pode funcionar como palco do melhoramento das habilidades cinestésicas corporais, e desenvolvimento dos sentidos.

Para Sitte (apud OLIVEIRA, 2010) o papel do espaço público, é o de articular a cidade, de criar vida urbana, de possibilitar as trocas, o encontro e é o lugar onde o caráter artístico de uma cidade é percebido.

#### 4.3.3.2 O parque urbano como instrumento de conservação

Silva (2003, p.64) coloca que os parques urbanos são espaços importantes para a conservação dos recursos ambientais



Figura 105 – Prática de ioga (aprimoramento das habilidades corporais), no parque Ibirapuera.  
Disponível em:  
<http://yogapress.wordpress.com/2009/10/23/de>



Figura 106 – Ciclismo e socialização, Parque Barigüi, Curitiba.  
Disponível em:  
[http://robertobertholdo.jornale.com.br/wpconte nt/uploads/2010/03/FOTO-curitiba\\_barigui4.jpg](http://robertobertholdo.jornale.com.br/wpconte nt/uploads/2010/03/FOTO-curitiba_barigui4.jpg)



Figura 107 – Bosque da Ciência, Manaus. Conservação de fragmento da Mata Amazônica.  
Fonte: Livro Parques Urbanos do Brasil.



# 4

## Capítulo

urbanos , como a água, ar, vegetação e clima, uma vez que no processo de urbanização os aspectos do ambiente são alterados, inclusive o relevo, o uso da terra, a vegetação, a fauna, a hidrologia e o clima.

A urbanização traz a impermeabilidade do solo, modificando o escoamento de uma bacia o que gera enchentes e erosões. Ela compromete a qualidade a quantidade de água para o abastecimento, seja pelo aumento de dejetos nos cursos de água, seja pela destruição de nascentes.

Ribeiro (2000 apud SILVA, 2003, p.64) salienta que:

Assim, os parques funcionariam como “preventivos” desses danos ambientais. Possibilitariam, assim, a manutenção de alguns atributos naturais no meio urbano - vegetação, geomorfologia, nascentes e outros, e auxiliariam na manutenção de ruídos, no embelezamento do ambiente, no melhoramento do microclima local quanto à umidade e insolação, no controle de erosão, na qualidade do ar e na manutenção de mananciais.

### 4.3.3.3 O parque urbano como instrumento de valorização fundiária

Atualmente os espaços livres enfrentam uma intensa pressão da urbanização acelerada, como é verificado no Brasil onde a população urbana cresceu rapidamente. A falta de investimento e o abandono das áreas verdes em muitas cidades tornaram-nas áreas baldias, cheias de mato e lixo e, por isso, inseguras para muitos moradores (LEAL & GANEM, 2002 apud SILVA, 2003, p.66).

Para Santana (2001, apud SILVA, 2003, p.65), o parque urbano assume uma função mercadológica em várias cidades, pois tem o papel de valorizar áreas urbanas devido a sua raridade no



Figura 108 – Parque do Abaeté, Bahia, com o intuito de preservar a Lagoa, as dunas e seu ecossistema que vinham sofrendo. Disponível em: <http://ba.anasps.org.br/index.asp?link=7>

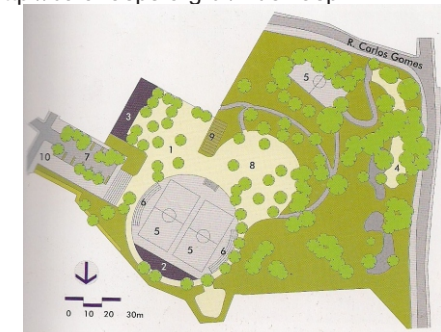


Figura 109 - Implantação do Parque Machado de Assis, Rio de Janeiro. Fonte: Livro Parques Urbanos do Brasil.



Figura 110 - Vista aérea do Parque Machado de Assis. Destaque para impedimento da expansão da ocupação irregular. Fonte: Google earth, adaptado pela autora.





# 4

## Capítulo

contexto urbano.

Ao mesmo a criação de parques em áreas subutilizadas evitam o processo de ocupação irregular, tornando essas áreas mais nobres.

### 4.3.3.4 O parque urbano como instrumento de planejamento urbano

Com a temática da requalificação dos espaços urbanos, principalmente das áreas centrais das cidades, com a demanda crescente de espaços de recreação e lazer e com a introdução das dimensões ambiental e paisagística no planejamento, a temática do Parque Urbano assume papel central no desenvolvimento dos planos e projetos urbanos (KLIASS, 1993).

Freire (apud OLIVEIRA, 2010), coloca que além do seu papel higiênico, psicológico e de fornecimento de espaços para recreação, os parques funcionam como estruturadores do crescimento da cidade, que a seu ver, só poderia expandir-se substancialmente se tal processo viesse acompanhado do aumento de suas áreas verdes.

### 4.3.3.5 O parque urbano como instrumento turístico

Segundo Goldner (2002, p.24, apud RIBEIRO; SILVEIRA, 2006, p.06) , as áreas de parque contribuem para que a atividade turística potencialize novas alternativas para a economia local,

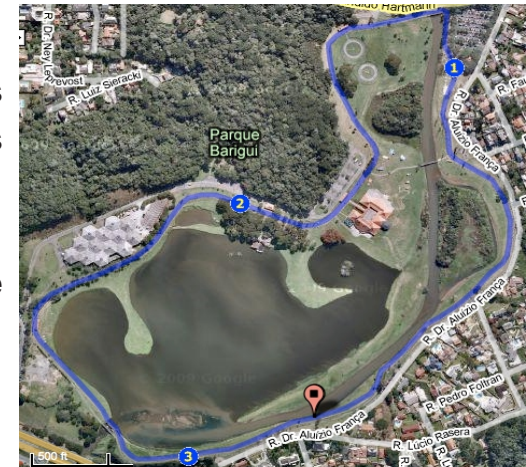


Figura 111 – Parque Barigüi, conforma-se numa bacia de contenção para controlar enchentes. Disponível em: <http://urubu.wordpress.com/2009/11/05/parque-barigui-lago-3-3k-curitiba-percurso-altimetria/>

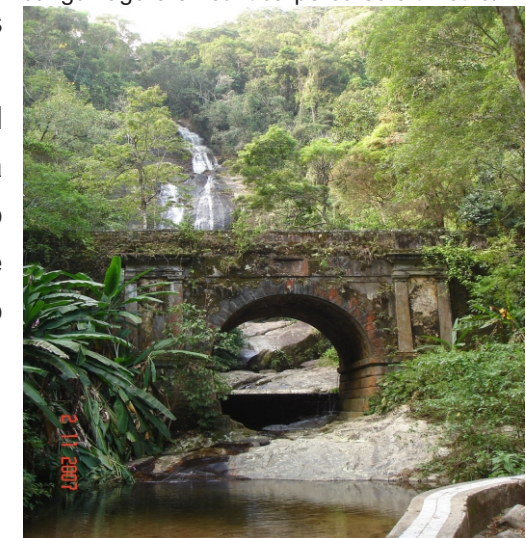


Figura 112 – Floresta da Tijuca, é o parque mais visitado do Brasil. Disponível em: <http://rafaeloliveirarj.blogspot.com/2010/06/flor-esta-da-tijuca-contara-com.html>

# 4

## Capítulo

diante da afirmação da OMT, que conceitua Turismo como “atividades de deslocamento e permanência em locais fora de seu ambiente de residência, por período inferior a um ano consecutivo, por razões de lazer, negócios ou outros propósitos”

Espaços naturais mistos denotam uma visão de preocupação com os remanescentes naturais incrustados, muitas vezes, como forma de pequenas ilhas verdes nas cidades. Desta forma, cidades passam a projetar praças e parques públicos a serem utilizados para o lazer de seus munícipes e que, simultaneamente, contribuem para que a paisagem urbana se torne valorizada e apreciada de modo a atender novos consumidores, advindos de outras localidades e que expressam interesse em conhecer tais espaços (RIBEIRO; SILVEIRA, 2006, p. 06).

Marcellino (2000 apud RIBEIRO; SILVEIRA, 2006, p.06).”), coloca que:

Os espaços construídos, preservados e revitalizados contribuem de maneira significativa para uma vivência mais rica da cidade, quebrando a monotonia dos conjuntos, estabelecendo pontos de referência e mesmo vínculos afetivos. Além disso, preservando a identidade dos locais, pode-se manter, e até mesmo aumentar o seu potencial turístico.

A reestruturação de espaços que antes eram degradados, através do planejamento e uso do solo, valoriza a vida cotidiana para atender a população e deve objetivar o desenvolvimento e a manutenção da cidadania, o resgate da qualidade de vida e o bem estar urbano. O consumo do espaço então planejado passa a



Figura 113 – Parque Unipraias - Balneário Camboriú.  
Disponível em:  
<http://www.overmundo.com.br/guia/parque-unipraias-balneario-camboriu-3>



Figura 114 – Jardim Botânico, atrativo turístico mais visitado em Curitiba.  
Disponível em: <http://www.curitiba-parana.net/parques/jardim-botanico.htm>



Figura 115 – Ópera de Arame, no Parque das Pedreiras, 2º destino turístico mais visitado de Curitiba. Disponível em:  
<http://www.malapronta.com.br/blog/2010/08/11/conheca-curitiba-sem-depender-do-passeio-com-a-jardineira/>





# 4

## Capítulo

integrar os espaços de consumo já existentes e, neste ambiente, novas formas de trabalho podem ser oportunizadas e proporcionar a diversificação da economia e, neste caso, o turismo poderá encontrar condições ideais para sua consolidação (RIBEIRO; SILVEIRA, 2006, p. 06).

As cidades, então, consolidarão sua posição como produtos culturais e turísticos importantes. Conhecê-las continuará sendo a aspiração de muitos viajantes... Para aqueles que atuam como planejadores ou gestores turísticos, considerar este cenário será fundamental. Não será surpresa se, muito breve, as equipes dos planos diretores das localidades agregarem técnicos em turismo e especialistas em cultura. As localidades que assim comprometem seu futuro, com certeza, serão aquelas que se constituirão em produtos mais qualificados para atrair visitantes e investimentos de toda ordem.(CASTROGIOVANNI, 2000, p. 40 apud RIBEIRO; SILVEIRA, 2006, p.12).

### 4.3.4 O Parque na história

#### 4.3.4.1 A origem dos Parques no mundo

A intensificação do comércio, aliada às pestes do século XVII e ao desencadeamento de uma revolução protestante e industrial, fez com que muitos camponeses ou moradores dos pequenos aglomerados urbanos migrassem em direção às cidades expansionistas, ocasionando, assim, o declínio das cidades pré-industriais e o início das cidades industriais. Surgiu daí uma consolidação da Revolução Industrial e uma nova história das cidades e de seus habitantes. (CASTELLS, opcit apud SILVA, 2003, p.39).

O fortalecimento da classe burguesa, nos séculos XVII e XVIII, fez surgir um movimento que visava o embelezamento das cidades renascentistas. Esse grupo social possuía tempo e recursos financeiros para o melhoramento das cidades. Foram os



Figura 116 – Central Park, em Nova Iorque.  
Disponível em:  
<http://americanthings.wordpress.com/2010/12/>



Figura 117 – Central Park, em Nova Iorque.  
Disponível em:  
<http://www.nycvp.com/NYCVP/CentralPark.jpg>



# 4

## Capítulo



percussores das primeiras idéias de áreas verdes dentro dos espaços urbanos. Surgindo dessas idéias o movimento de volta à natureza que fundamenta as idéias de espaços verdes urbanos (CASTELLS, opcit apud SILVA, 2003, p.40).

Até a Revolução Industrial, as áreas verdes tinham então uma função de representação para as autoridades e aristocracias, sendo que, com essa destinação não existiriam durante toda a Idade Média (KLIASS, 1993).

A discussão da necessidade de áreas verdes nas cidades começa a se efetuar na Revolução Industrial, na Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos. (LIMA et al, 1994 apud SANTOS; TOLEDO, 2008, p.03)

Os parques surgiram como fato urbano de relevância, apenas no final do século XVII, na Inglaterra, atingindo seu pleno desenvolvimento quase cem anos depois. Somente nos anos de 1850 e 1860 os parques compõem os planos urbanísticos na Europa (GRANZ, 1993 apud SILVA, 2003, p. 61).

Segundo Kliass, 1993, o parque surge da necessidade de dotar as cidades de espaços adequados para atender a uma nova demanda social: o lazer, o tempo do ócio e para contrapor-se ao ambiente urbano.

Na sociedade americana onde prevaleciam valores competitivos e individualistas, frutos do sistema capitalista, os parques tiveram o papel de reavivar valores relacionados com a vida



Figura 118 – Central Park sob o olhar de John Bachman – 1859.

Disponível em:

[http://moonriver.blogspot.com/2007\\_04\\_01\\_archive.html](http://moonriver.blogspot.com/2007_04_01_archive.html)

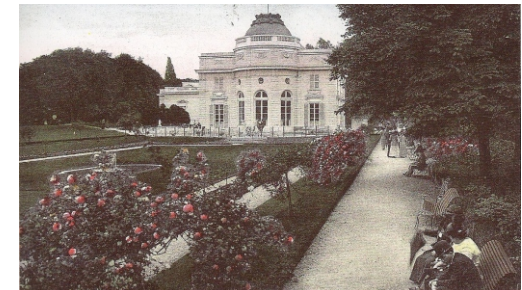


Figura 119 - Parques europeus, copiados por todo o mundo.

Fonte: Livro Parques urbanos.



Figura 120 - Parque Bois de Vincennes.

Disponível em:

<http://www.conheceparis.com/para-quem-ja-conhece/parques/>



# 4

## Capítulo



em comunidade, com a vida do adolescente, do pobre e de grupos étnicos, trazendo aos moradores consciência social e o sentimento de democracia (DOBER, 1969 apud SILVA, 2003, p.63).

Esses problemas urbanos que surgiram com o crescimento desordenado da cidade justificaram a revitalização da mesma. Muitas ações de melhoramento das cidades buscaram enfocar os aspectos históricos e paisagísticos que possibilitassem a utilização de espaços abertos para a construção de parques e áreas de recreação, com a finalidade de amenizar as mazelas ocasionadas pelo crescimento desordenado do espaço urbano (BLEY, 1996 apud SILVA, 2003, p.43).

Segundo GRANZ (1993, apud SILVA, 2003, p.58), a cidade era o berço da poluição, do ar e sonora, e dos maus costumes, e o campo passou a ser um local desejado, uma vez que possuía ar fresco e tranquilidade. Por isso, há o surgimento da valorização do campo e das áreas verdes no urbano.

Os espaços verdes surgem com o potencial de amenizar tanto os problemas sociais quanto os problemas ambientais urbanos. Eles contribuiriam para melhorar os aspectos físicos e sociais da cidade, por meio da revitalização de espaços abertos, do ordenamento das movimentações, da criação de um sentimento de tranquilidade, trazendo a aproximação entre natureza e humanidade (CEVER, 1994 apud SILVA, 2003 p. 43).

O parque, nesse período, preocupa-se com as demandas de equipamentos para recreação e lazer, a necessidade de expansão urbana, o novo ritmo de trabalho, além da necessidade de criação



Figura 121 – Bois de Boulogne - Paris.  
Disponível em:  
<http://www.runningmaps.eu/spip.php?article10>



Figura 122 – Parque Montsouris, traçado romântico - Paris.  
Disponível em: <http://www.paris-in-photos.com/parc-montsouris/montsouris-park.htm>

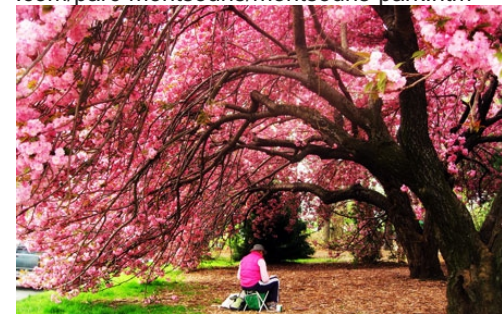


Figura 123 - Prospect Park, no centro de Brooklyn.  
Disponível em:  
<http://www.nycgo.com/venues/prospect-park>

# 4

## Capítulo

de espaços amenizadores da estrutura urbana bastante adensada, com funções de "pulmões verdes", saneadoras, representando oásis de ar puro, de contemplação, estimulando a imaginação. Os modelos paisagísticos dos parques ingleses do século XVIII transformaram-se em fontes de inspiração para o parque urbano deste período (SCALISE, 2002).

Ainda segundo Scalise (2002), a partir dos parques urbanos europeus e americanos, várias concepções de parque foram se modificando de acordo com a época, influenciados tanto por características sócio-econômicas quanto culturais das populações e em função da própria localização territorial. Os projetos dos países desenvolvidos acabam influenciando os países em desenvolvimento.

### 4.3.4.2 Evolução do Parque Urbano no século XX – Novas Tendências

Scalise (2002), coloca que superado o modelo de parque do século XIX, idealizado em bairros burgueses e para exibição social, o parque do século XX busca novos espaços verdes, expressando uso coletivo. Procura recriar as condições naturais que a vida urbana insiste em negar, criando locais de sociabilidade onde o povo encontre suas origens, no contato físico e ativo com a natureza. São lugares de socialização para jogos e ginástica.

Segundo Panzini, na década de 50 afirma-se a tendência do neopaisagismo no plano de parques, valorizando



Figura 124 - Parque de Bercy, aproveita os pavilhões industriais existentes como equipamentos no parque - Paris.

Disponível em:

<http://www.paris4travel.com/parc-de-bercy/>



Figura 125 - Olympiapark, em Munique.

Disponível em: <http://www.cas-munich.de/en/excursion-service>



Figura 126 - Thijssse park, Parque ecológico - Amsterdã.

Disponível em: <http://maps.google.com.br/maps>



# 4

## Capítulo

características cênicas das áreas verdes, com ambientes agradáveis variados, capazes de despertar o interesse e a fantasia dos usuários (PANZINI apud SCALISE, 2002).

Ainda segundo Panzini (apud SCALISE, 2002), nos anos 60, novos parques paisagísticos surgem em todos os lugares: em Hamburgo, em Munique, em Paris, Natterre. Nos anos 70, uma tendência mais romântica e parques mais exuberantes: Olympia Park, Munique - jogos olímpicos. Equipamentos esportivos, estádios, edifícios, espelhos d'água, passeios e pequenos bosques formam uma paisagem dinâmica.

Com o emergir do movimento ecológico, reivindicações concretas se fazem sentir quanto à qualidade do ambiente urbano.

Em Amsterdã, surge o primeiro parque público ecológico, o Thijssse park. Na recuperação de áreas degradadas, busca-se uma requalificação das cidades industriais, reforçando a ligação de áreas verdes num sistema independente, com percursos para pedestres e ciclismo.

Nos anos 80, surge a exigência de melhorar a qualidade dos bairros degradados e a cultura paisagística, preocupada com o jardim público, com categorias funcionais, valores estéticos, significados simbólicos. Veem-se exemplos em Barcelona - laboratório de requalificação urbana nos jardins com assimetrias, descontinuidades, paisagens temáticas (SCALISE, 2002).



Figura 127 - Disneylândia, parque temático - Califórnia.

Fonte: Livro Parques Urbanos do Brasil



Figura 128 - Thijssse park, Parque ecológico - Amsterdã.

Disponível em: <http://maps.google.com.br/maps>



Figura 129 - Parque Isma Magica, parque temático - Espanha.

Disponível [http://br.olhares.com/isla\\_magica\\_espanha\\_fot](http://br.olhares.com/isla_magica_espanha_fot)





# 4

## Capítulo

### 4.3.4.3 O surgimento do Parque Urbano no Brasil

No Brasil, as tendências do estilo europeu e americano se fizeram presentes nos parques urbanos de São Paulo, do Rio de Janeiro e de outras cidades do país.

Segundo Macedo; Sakata (2003), o parque urbano brasileiro, ao contrário do europeu, não surge da urgência social de atender às necessidades das massas urbanas da metrópole do século XIX. O Brasil do século passado não possuía uma rede urbana expressiva, e nenhuma cidade tinha o porte de qualquer grande cidade européia da época, sobretudo no que diz respeito à população e área. O parque é criado, então, como uma figura complementar ao cenário das elites emergentes, que controlavam a nova nação em formação e que procuravam construir uma figuração urbana que se equiparasse com à internacional, especialmente Inglaterra e França. Com a vinda da Família real portuguesa, foram implantados projetos de melhoria urbana, mas somente em meados do século XIX foi retomada a preocupação com os espaços livres, as áreas de nascentes foram reflorestadas surgindo, em uma dessas, a Floresta da Tijuca. (CAVALHEIRO apud SANTOS; TOLEDO, 2008, p.04).

Nesse contexto são criados, no Rio de Janeiro, os três primeiros parques públicos, com as características morfológicas e funcionais que conhecemos hoje: o Campo de Santana e o Passeio Público, situados junto ao núcleo histórico e centro tradicional da cidade, e o Jardim Botânico, junto à então distante Lagoa Rodrigo de Freitas (MACEDO, SAKATA, 2003).



Figura 130 - Jardim Botânico e ao fundo o Corcovado. A Aléia das Mangueiras e ao fundo Aléia das Palmeiras e cidadãos passeando. Disponível em: <http://www.jbrj.gov.br/pesquisa/historia/fotos/imagens.htm>



Figura 131 - Jardim Botânico, Aléia das Palmeiras. Disponível em: <http://www.jbrj.gov.br/pesquisa/historia/original/foto0052original.jpg>



# 4

## Capítulo

O Anhangabaú é visto como primeiro exemplo de um parque pensado para a cidade moderna que se queria construir, a partir da vontade de sanear a área, de dotar a urbe de mais verde, como em especial se constituiria como espaço de representação, encontro e que serviria para “demonstrar o grau de adiantamento” de São Paulo.

Apesar da influência internacional sobre os parques brasileiros, esses não deixaram de expressar as mudanças históricas, culturais e sociais do país. Os estilos dos parques acompanharam as mudanças de valores individuais e sociais da sociedade. (MACEDO; SAKATA, 2003).

Entre as décadas de 20 e 30, do século XX, houve um crescimento dos espaços urbanos e os parques passaram a ser mais democráticos, freqüentados por pessoas de diferentes classes sociais, marcando a chegada do estilo moderno e o uso dos espaços livres para práticas esportivas, lugares para brincar e jogar (LEAL apud SILVA, 2003, p.59).

Ainda segundo Macedo; Sakata, 2003, também no Brasil novas funções foram atribuídas a essas áreas públicas no decorrer do século XX, além das esportivas, as de conservação de recursos naturais, típicas dos parques ditos ecológicos.

Macedo; Sakata, 2003 coloca que o parque ecológico objetiva prioritariamente a conservação de um recurso ambiental, como um banhado ou um bosque. Possui áreas muito concentradas, voltadas para atividades de lazer ativo – como jogos e recreação infantil -, ao lado de áreas voltadas para o lazer passivo – como caminhadas por

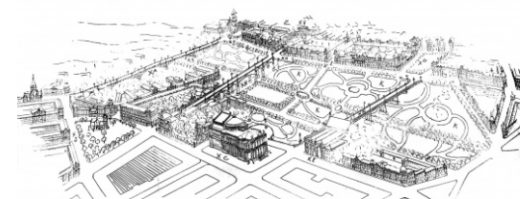


Figura 132 - Perspectiva da área do Parque do Anhangabaú. Projeto de Freire e Guilhem(1911). Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.120/>



Figura 133 - O Passeio Público do Rio de Janeiro marca o início do tratamento paisagístico em áreas públicas no Brasil. Fonte: Livro Parque Urbanos no Brasil.

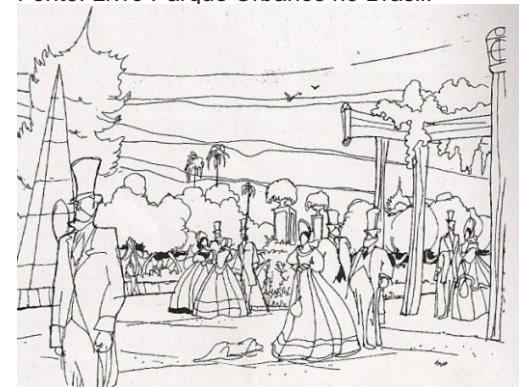


Figura 134 - O passeio ao ar livre pelas promenades, uma tradição comum nos países europeus, chega ao Brasil pelo Passeio Público do Rio de Janeiro. Fonte: Livro Parques Urbanos no Brasil.





# 4

## Capítulo

trilhas bucólicas e esparsas. Esse tipo de parque torna-se popular na década de 1980, podendo ser encontrado em muitos lugares do país.

Somente no final do século XX observa-se um interesse político pela implantação e formação de parques públicos. Iniciou-se, no final desse século, um processo crescente de implantação de parques nos médios e grandes aglomerados urbanos, de responsabilidade tanto dos municípios, como dos governos estaduais (MACEDO; SAKATA, 2003).

Um desses parques é o Parque Ibirapuera, em São Paulo que mostra intenções desde 1920, inspirado nos parques Bois de Bologne em Paris e no Central Park em New York.

O projeto deste espaço de arte e cultura, de recreação e esportes propôs uma possibilidade de enfrentamento do uso das novas técnicas e materiais, de concepção de novas formas e releituras na proposição e reflexão sobre o espaço “moderno” e nacional, de uma discussão de identidade da arquitetura brasileira, do seu debate, aclamação e questionamento. O Parque Ibirapuera, marca um momento do desenvolvimento dessa “arquitetura moderna brasileira”.



Figura 135 – Parque Campo de Santana.  
Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pra>



Figura 136 – Parque Campo de Santana.  
Disponível em:  
[http://www.multipolo.com.br/histologia/brasil\\_arquivos/brasil.htm](http://www.multipolo.com.br/histologia/brasil_arquivos/brasil.htm)

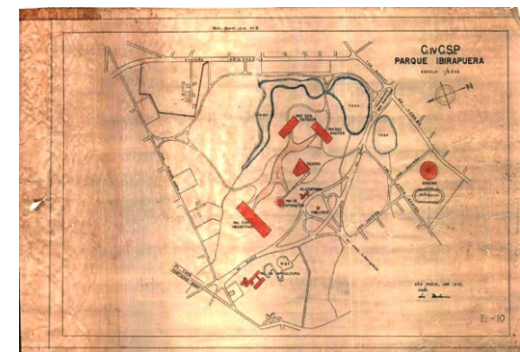


Figura 137 – Projeto final da equipe de Niemeyer para o Parque do Ibirapuera (janeiro de 1953).  
Disponível em:  
<http://www.docomomo.org.br/seminario%205%20pdfs/048R.pdf>

